
O primeiro ídolo dos grandes do Rio – uma lacuna na historiografia do futebol¹

Sérgio Montero SOUTO²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Busca-se responder a pergunta aparentemente trivial: quem foram os primeiros ídolos dos quatro grandes clubes do Rio? A inexistência de uma resposta positiva entre imprensa, torcedores e acadêmicos nos levou a uma segunda questão mais intrigante: como um esporte capaz de despertar paixões tão catárticas e fator constituinte relevante da identidade nacional pode ter tal névoa sobre o seu início? Para tentar preencher tal lacuna, partimos de uma hipótese inicial: se por, na sua infância, o futebol ser considerado mais entretenimento do que esporte isso contribuiu para os primeiros ídolos serem, eventualmente, “abandonados” no meio do processo. E, se tal fenômeno se confirma, quais os critérios para definirmos tal condição e empreendermos um resgate da memória dos sujeitos que contribuíram para início da popularização do futebol?

PALAVRAS-CHAVE: primeiros ídolos; imprensa; memória; identidade.

Ídolos institucionalizados x primeiros ídolos

Garrincha, Zico, Roberto Dinamite e Castilho ou Fred ou Assis.³ Com a solitária exceção do Fluminense, que, ao longo da sua centenária história, não produziu um ídolo consensualmente considerado o maior de todos, torcedores dos demais grandes clubes do Rio de Janeiro não têm dúvidas em apontar quem ocupa o topo do Olimpo das histórias, respectivamente, de Botafogo, Flamengo e Vasco. Tal reconhecimento não se limita aos adeptos de cada um dos três clubes, é acolhido pela imprensa e pela academia, sendo, inclusive, reconhecido pelos rivais.

No entanto, se – com a ressalva à singular situação do Fluminense – inexistem dúvidas sobre o mais importante ídolo histórico, um estranho silêncio faz-se presente se a pergunta tiver como alvo quem foi o primeiro ídolo de cada um. A inexistência de uma resposta positiva nos leva a uma lacuna intrigante: poderia um esporte capaz de despertar paixões tão catárticas e parte integrante da constituição da identidade nacional ter um início sem um rosto tão preñado de simbolismo?

¹Trabalho apresentado no Grupo Comunicação e Esporte, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pela UFF e professor da FCS-UERJ, e-mail: sms306406@hotmail.com

³ Entre fevereiro e maio de 2020, o portal GE consultou cem jornalistas que, na definição do veículo, “cobrem, cobriram ou conhecem a história do Fluminense”. Castilho foi o mais lembrado, seguido de Fred e Assis < <https://ge.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/eleicao-com-100-jornalistas-aponta-fred-como-o-2o-maior-ídolo-do-fluminense-so-atras-de-castilho.ghtml> >, acessado em 15 de mar de 2022. Note-se que o próprio fato de ser necessária a realização de uma votação para determinar um ídolo já indica ser essa uma questão longe de estar pacificada.

Para tentar responder a essa questão iniciamos a pesquisa “O primeiro ídolo”, o trabalho inaugural do Grupo de Pesquisa Esportes, Ídolos e Identidades (GEII), coordenado por mim e integrado por um dedicado grupo de alunos da graduação do Departamento de Jornalismo da Uerj. A primeira questão metodológica a se impor foi a delimitação de um *corpus* para o trabalho: do incipiente material sobre o futebol carioca nos anos que antecedem à realização do primeiro campeonato do estado, em 1906, até 1932, último ano oficial do amadorismo⁴.

O não avanço sobre os campeonatos jogados a partir de 1933 partiu da nossa convicção de que, ainda que novos aportes e diferentes pontos de vista possam ser feitos em relação aos ídolos do período do profissionalismo, essa era atraída mais holofotes tanto da imprensa quanto da academia. Com isso, nomes da fase inicial desse novo período, como Leônidas da Silva e Domingos da Guia, têm bibliografia bem mais farta e acessível quando comparados aos escassos fragmentos dedicados aos sujeitos do período amador. Por essa razão, nos detemos na face mais desconhecida dos ídolos dos principais clubes: as cerca de três décadas do amadorismo.

A principal fonte de pesquisa foram os jornais da época – cerca de uma dezena e meia deles – material que, eventualmente, foi enriquecido por documentação própria dos clubes, quando essa existia e, simultaneamente, nos era acessível. Além disso, procurou-se revisitar, em suas linhas mais gerais, o ambiente do país pré-surgimento do futebol por aqui para contextualizar o nascimento e os primeiros passos do novo esporte, objetivo em que se encontrou importante apoio em Pereira (2000).

Também orientou a pesquisa a concepção de Halbwachs (1990) de tratarmos a memória, não apenas como manifestação individual, mas como fenômeno social. Ao elaborar a sua teoria, o pesquisador classifica a linguagem, o tempo e o espaço como quadros sociais de memória, arcabouço precioso para perceber tal construção como uma operação de natureza social. Para Halbwachs, o que importa não é a memória, mas os

⁴Em 1933 houve uma cisão no futebol carioca que resultou na realização simultânea de dois campeonatos entre aquele ano e 1936. Um, amador, organizado pela Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (Amea), era reconhecido oficialmente pela então Confederação Brasileira de Desportos (CBD). O outro, profissional e não reconhecido oficialmente, era organizado pela Liga Carioca de Football (LCF). Embora, apenas em 1937, tenha havido a unificação entre as duas associações, dando início ao primeiro campeonato profissional que reuniu os quatro grandes, para os fins buscados por essa pesquisa, considera-se, aqui, 1933 como o ano em que se inicia, oficialmente, o profissionalismo no Rio de Janeiro

quadros sociais da memória. Em sintonia com tal percepção, consideramos que as memórias construídas pela imprensa sobre os primeiros *sportmen* não devem ser consideradas manifestações individuais dos autores dos textos dos jornais da época, mas analisadas dentro de um quadro mais amplo da memória social.

Como o quarteto não teve origem simultânea, o período inicial captura anos diferentes. A pesquisa sobre Fluminense e Botafogo inicia-se em 1900 - poucos antes da criação de ambos, ocorrida, respectivamente, em 1902 e 1904, e seis anos antes do primeiro Campeonato Carioca, em 1906. Para acompanhar a trajetória do Flamengo, o intervalo parte de 1915, ano em que dissidentes do Fluminense fundam o Departamento de Futebol rubro-negro; enquanto a historiografia do Vasco foi escrutinada a partir de 1923, quando, ao tornar-se campeão da segunda divisão, o clube conquista o direito de participar, pela primeira vez, da primeira divisão, amplificando significativamente as luzes da imprensa sobre o clube, até então, com escassa cobertura jornalística.

Uma das primeiras constatações da pesquisa indica um desprestígio da editoria de esportes no seu nascedouro. Quase sempre matérias ou notas sobre o tema eram destinadas às páginas finais dos jornais do início do século XX. Além disso, o futebol, como regra, figurava após o turfe e o remo, então os esportes dominantes no Rio. A linguagem jornalística absorvia termos originais em inglês, como *match*, *team*, *goal-keeper*, *referee*, *off-side*, *free kick*, *half-back*, sem que houvesse, ainda, uma decodificação para o português. As crônicas sobre as partidas eram protocolares: dedicavam-se a narrar os fatos capitais dos jogos, utilizando apenas por vezes a adjetivações para qualificar lances ou jogadores. Em grande medida, porém, a cobertura primeva limitava-se ao resultado e à súmula das partidas.

É notável perceber que o futebol foi mais rapidamente abraçado pela população do que pela imprensa. Em *O Malho*, revista ilustrada, caracterizada, principalmente, pelo tom de humor e pelas sátiras políticas, por exemplo, o futebol demorou a ganhar destaque. Em 1905, encontram-se apenas notas com os resultados das partidas, situação que perdura por cerca de uma década. No universo dos esportes, o espaço da publicação era majoritariamente ocupado por informações sobre o remo – grafado em inglês: *rowing*. Apenas a partir de 1914, após o surgimento da seção *O Malho Sportivo*, a revista passa a informar as escalações, os resultados e a tecer comentários sobre as atuações das equipes.

Não se deve perder a perspectiva de que o primeiro campeonato carioca, em 1906, distava menos de duas décadas de dois fatos históricos que informaram decisivamente o início do século passado: a abolição da escravidão, em 1888, e a proclamação da República, em 1889. Tal proximidade histórica vai ter influência poderosa sobre o perfil dos sujeitos que eram admitidos e admissíveis nos clubes e as distintas formas como os brasileiros vão se apropriar e ressignificar o futebol.

Isso ajuda a entender porque, no período inicial do futebol, havia maior visibilidade nos jornais sobre a influência dos clubes e sua relação com a vida social das elites do Rio de Janeiro do que ênfase às partidas dos times. Tal assimetria parece sinalizar que, para os *sportmen* – como eram chamados os praticantes de esportes – e para a imprensa, o futebol restrito aos filhos de famílias mais ilustres e estudantes era mais entretenimento social do que competição. Na bissexta cobertura destinada aos jogos, os jornais se restringiam a informar quando seriam realizados. No período entre 1900 e 1919, entre dez jornais e suplementos pesquisados em relação ao Botafogo⁵, apenas o *Correio da Manhã* fez uma cobertura completa das partidas.

Em diversas matérias, os jornais ignoram o futebol ao falarem do clube, se limitando a informar sobre convites feitos pelo Botafogo Football Club⁶ a agremiações estrangeiras para disputa de partidas no Brasil. Na revista *Careta*, entre 1900 a 1940, são recorrentes matérias sobre as comemorações de Ano Novo, do aniversário do clube, dos bailes de Carnaval e das cerimônias de formatura, entre outros eventos sociais. Os textos enfatizam a animação das festas e as roupas elegantes trajadas dos participantes.

No que seria hoje considerada uma demonstração típica de *soft power*, a *Careta* destaca o papel diplomático do Botafogo, ao mencionar uma foto da visita do embaixador da Argentina ao Brasil a convite do clube, ocasião celebrada com a realização de um churrasco para comemorar a independência da República daquele país. O mesmo tipo de cobertura podia ser visto em relação ao Fluminense, o outro grande da Zona Sul na época. Em 26 de agosto de 1910, a *Gazeta de Notícias* informa que o então presidente da República, Hermes da Fonseca, fora convidado para assistir a um jogo entre Fluminense e Corinthians, nas Laranjeiras.

⁵ A *Época*, *Careta*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *O Malho*, *Época Sportiva*, *Almanak do Correio da Manhã*, *Anuario do Jornal do Brasil*, *Kosmos* e *O Palpite da Época*.

⁶ Fundado em 1904, o Botafogo Football Club viria a se fundir, em 8 de dezembro de 1948, com o Club de Regatas Botafogo, dando origem ao Botafogo Futebol e Regatas.

Em julho de 1913, *A Época*, ao tratar da visita de um clube português ao Brasil traz uma explicação emblemática: nas partidas internacionais, havia uma divisão de times diferente da que vigorava nas ligas. Nos amistosos internacionais, havia quatro equipes: uma exclusivamente com brasileiros; uma de jogadores da Liga Metropolitana; a do Botafogo (autor do convite) e a dos ingleses residentes no Brasil. A distinção entre times de jogadores brasileiros separados dos ingleses que atuavam no país sinaliza um movimento de afirmação da nacionalidade que transcende ao futebol isoladamente.

Tais demonstrações vão crescer com o desenvolvimento do futebol e sua popularização junto aos brasileiros, o que obrigaria os jornais a ampliarem seus espaços destinados ao esporte emergente. Em 4 de novembro de 1915, a *Gazeta* dedica uma seção inteira para reclamar da falta de informações da Liga Metropolitana aos jornais sobre as decisões do futebol: “A Liga Metropolitana dos Sports Athleticos primou sempre pelo mysterio (sic.) com que reveste os seus actos (sic.)”, queixou-se o redator, sinalizando o crescimento da relevância social atingida pelo futebol, e que a ausência de notícias sobre o esporte pesava contra os jornais.

O estranhamento entre um esporte de prática e linguagem estrangeiras – o que deveria limitar seu acesso à elite local – e sua apropriação por setores sociais mais amplos já provocava, em 1917, debates apaixonados clamando por “uma campanha em prol da defesa (sic.) da soberania da nossa língua, expurgando-a destes anglicismos que estão a desvirtuá-la, convencionando ou aproveitando palavras portuguesas correspondentes aos termos ingleses empregados na técnica do futébol (sic.)” (PEREIRA, 2000, p. 307).

Em janeiro de 1917, *A Época* publica um apelo de um sócio do clube para o Botafogo não avançar sobre a quadra de tênis quando da ampliação do campo de futebol, o que sinaliza que, pouco mais de uma década após a realização do seu primeiro campeonato, o futebol ainda lutava por espaço com outros esportes, o que despertava resistência por parte de alguns sócios do clube. Outra notícia que confirma a briga do futebol para se popularizar diante de outros esportes já consolidados vem do *Correio da Manhã*, que, em 1908, lamentava que, ao jogar com um combinado de clubes paulistas, o Botafogo Football Club não poderia contar com os seus principais atletas porque esses participariam, no mesmo dia, de um campeonato de remo.

Apesar de ter ironizado e chamado de “ridícula” a não conclusão do campeonato de 1907, que terminou empatado entre Botafogo e Fluminense, sem um campeão

oficial⁷, o *Correio da Manhã*, já nessa época, apresentava coberturas mais detalhadas sobre as partidas, não se limitando a datas e súmulas dos jogos, praxe em outros veículos. As matérias davam detalhes das partidas, acompanhados das opiniões dos jornalistas. Por se tratar de um dos mais importante jornais da época, voltado à elite e à classe média, tal abertura ao novo esporte pode ter contribuído para a maior difusão do futebol nos seus passos iniciais.

É possível, porém, que, mesmo longe de se tornar o esporte dominante no Brasil, os espaços maiores ou mais modestos destinados ao futebol nesse início de caminhada também guardassem relação com o porte econômico do jornal, o que lhe permitia dedicar menos ou mais atenção a um esporte ainda pouco popular no país. Um dos principais diários cariocas durante a República Velha, a *Gazeta de Notícias*, por exemplo, começou a abrir as suas páginas aos esportes em geral e ao futebol, em particular, um pouco antes de *A Época*.

Já em 1906, o jornal contava com a seção *Gazeta dos Sports*. Na cobertura destinada ao futebol, o jornal ia além da publicação das súmulas, descrevia os lances mais importantes das partidas e nomeava os jogadores envolvidos. Nos breves comentários em que julgava o desempenho dos times e dos *sportmen*, tanto os elogios quanto as críticas tinham, porém, em geral, caráter ameno.

O tom desapassionado da cobertura parece corroborar a conduta defendida e difundida pelos praticantes e pelos entusiastas do futebol de então, que argumentavam não serem adversários, mas companheiros na luta a favor da vida saudável, deixando de lado, ao menos aparentemente, a concorrência entre si. Os *sportmen* consideravam condenáveis, inclusive, comportamentos agressivos e jogadas mais duras ao longo das partidas, o que parece, também, se refletir no tipo de tratamento dado aos jogos e aos jogadores na infância do futebol carioca.

⁷ Segunda edição do campeonato carioca, a competição daquele ano chegou ao final com Botafogo e Fluminense empatados em número de pontos. Enquanto o primeiro exigia a realização de um jogo extra para definir o título, o segundo reivindicava ser declarado campeão por ter melhor saldo de gols. Diante do impasse, a competição terminou sem um vencedor e com o fim da Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA), que, antes de ser dissolvida, expulsou a Associação Athletica Internacional, que, ao abandonar o campeonato nas últimas rodadas, foi derrotada por ambas equipes por WO, uma das razões da queixa do Botafogo. Apenas em 1996, a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj) decretou Botafogo e Fluminense campeões de 1907.

Nos jornais pesquisados entre 1900 e 1910⁸ na cobertura do Fluminense, a seção de esportes não costumava ter destaque nem um lugar fixo. Ela oscilava, em geral, entre a quinta e a sétima página, apresentando primeiro o turf e em seguida o futebol. Manchetes esportivas também não eram frequentes. Na *Gazeta de Notícias*, além das súmulas, o noticiário, por vezes, trazia um minucioso detalhamento dos lances da partida. Em algumas, porém, limitava-se a informar o resultado e os autores dos gols.

Isso não impediu que, na edição de 16 de outubro de 1905, ao tratar de Fluminense x Rio Cricket, vencido pelo primeiro por 4 a 0, desse destaque às “investidas ofensivas” do zagueiro tricolor Victor Etchegaray, alvo de elogios poucos usuais na cobertura da época. No ano seguinte, ao noticiar, em 10 de novembro, uma viagem do Fluminense a São Paulo, enquanto a *Gazeta* qualifica os jogadores tricolores como “valentes”, *O Estado de S. Paulo* destina adjetivação mais colorida a Etchegaray: “Extraordinário footballer de estupenda habilidade e destreza neste difícil quão emocionante sport”. E ainda: “Inegualável footballer, elegante, leal, firme e ligeiro”. Um ano antes, em nova incursão do Fluminense a São Paulo, o mesmo jornal já se referira ao mesmo jogador nos seguintes termos: “Mais do que todos, distinguiu-se o seu captain”, iniciador de um belo jogo de ataque e defesa simultâneos.”

Temos, aqui, um jogador elogiado pela imprensa carioca e paulista. No primeiro caso, destaca-se a valentia de Etchegaray; no segundo, temos habilidade, agilidade, elegância, lealdade e firmeza como termos distintivos. Com exceção dos elogios referentes à técnica do atleta, como habilidade e agilidade – associáveis a praticantes de excelência em qualquer esporte – a adjetivação ligada a bravura, elegância e lealdade é, geralmente, atribuída ou atribuível aos cavalheiros.

Sendo mais emblemáticas por significarem que um jornal paulista reconhecia, e exaltava, tais características num jogador de uma equipe do Rio de Janeiro. A admiração do *Estadão* parece indicar, pelas palavras escolhidas, que, em lugar do bairrismo e do clubismo que, décadas mais adiante, seriam apontados como características da imprensa dos dois estados, temos um reconhecimento de iguais, com as aproximações de classe mostrando-se mais potentes do que a rivalidade esportiva.

Etchegaray, porém, não era o único jogador contemporâneo a levar a imprensa da época a quebrar o paradigma da economia de adjetivos em relação a atuações

⁸*Gazeta de Notícias* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ) e *O Estado de S. Paulo* (SP). O *Estadão* foi incluído nessa fase para que se pudesse comparar o tratamento dado ao Fluminense em jogos que fez em São Paulo nesse período.

individuais. O atacante – *forward*, na gramática da época – Benjamin de Almeida Sodré, mas conhecido no futebol como Mimi Sodré, também mobilizava as subjetividades dos jornalistas contemporâneos. Artilheiro com cerca de 500 gols, jogou no Botafogo entre 1910 e 1920, tendo atuado, ainda, na seleção brasileira. Numa partida em que seu clube venceu o Fluminense por 1 x 0, com gol dele, a *Gazeta de Notícias*, na edição de 22 de junho de 1914, decretou: “Não se podem descrever os aplausos estrepitosos que então se ouviram ao feito extraordinário do extraordinário Sodré.” O feito extraordinário, na descrição do jornal, foi Mimi ter feito um gol com um chute fraco enquanto era perseguido, simultaneamente, por três jogadores tricolores.

No mesmo ano, na edição de 13 de outubro, quando o Botafogo venceu o Flamengo por 2 x 1, tendo o segundo e decisivo gol decorrido de um passe de Mimi, o mesmo jornal não economizou adjetivos para falar da atuação do jogador: “Figura máxima, Benjamin Sodré, o infatigável e magnífico foward, a quem o público carioca, que tanto o quer, fez ao entrar em campo, grande demonstração de apreço.”

As referências ao atacante alvinegro misturam, assim, aplausos “estrepitosos”, à condição de “extraordinário”, “figura máxima” e “infatigável”, além de figura querida, não apenas pelos torcedores do seu time, mas “pelo público carioca”. As qualidades atribuídas a Mimi eram emolduradas por seu reconhecimento como um *gentleman*, por sua recusa a ser beneficiado pela marcação de pênaltis pelos árbitros sempre que considerava que esses se equivocavam. Temos assim, a exemplo de Etchegaray, a fusão de qualidade técnicas extraordinárias com a condição de cavalheirismo, para alcançar a condição de primeiro ídolo – ainda que, como dito, tal conceito à época não fosse usado - do Botafogo, com o reconhecimento dos adversários a essa condição.

O tratamento dos jornais aos dois também dá uma pista importante sobre uma das pré-condições alcançadas pelos primeiros ídolos: contribuírem para a popularidade do nascente futebol brasileiro se sobrepor à do remo e do turfe, amplamente dominantes na cobertura do início do século passado nos jornais. Vista em perspectiva, tal comparação parece não fazer sentido, tal a hegemonia avassaladora que o futebol assumiria em pouco tempo. No entanto, a hierarquia daquele período também nos informa sobre o contexto social do Rio de Janeiro no início do século XX e dá indicações sobre os processos envolvidos na construção dos personagens de um esporte que sobrepujaria amplamente os seus rivais.

Pereira (2000) aponta registros de um pensamento que pairava sobre o mundo futebolístico no início do século XX: a hipervalorização do futebol à moda europeia, que encontrava ecos no imaginário da aristocracia carioca e também na imprensa. E cita depoimento de Marcos Carneiro de Mendonça, proeminente goleiro tricolor, sobre seu fascínio pelo “futebol *smart*, superior, elegante”. Certa vez, o redator esportivo *d’O Imparcial* fez clara distinção entre “*foot-ballers* de maior educação” e os “de menor educação”, atribuindo juízo positivo àqueles e negativo a estes.

Tal tensão, continuava presente quando o Flamengo⁹ criou o seu Departamento de Futebol no fim de 1911, e disputou pela primeira vez, em 1912, o Campeonato Carioca. Em 7 de julho de 1912, por exemplo, no primeiro Fla x Flu da história, o *Jornal do Brasil* limitou-se a mencionar o placar do jogo: 3 x 2 para os tricolores. Na época, a dominância do turfe no espaço destinado ao esporte no jornal era tamanha que, numa mesma edição, enquanto este recebia três chamadas numa mesma página, ao futebol era destinado o simples registro: “Foot-ball: Os jogos do campeonato”. E não foi uma prática isolada. O *JB* dava muito mais destaque ao que acontecia no Jockey do que às partidas de futebol naquele início de década (1911-1913).

A partir de 1913, porém, o *JB* passa a incorporar mais o futebol a suas colunas, com informações sobre as escalações e com detalhes sobre cada um dos jogadores das equipes após as partidas, analisando suas atuações, além de descrever os principais lances. Nota-se também ampliação ainda que discreta às chamadas sobre futebol, oferecendo mais informações do que as versões anteriores, que apenas mencionavam “os jogos do campeonato”. O espaço dedicado ao futebol, no jornal, avança à medida que esse esporte amplia a sua popularidade entre os cariocas.

Entre 1919 e 1924, por exemplo, entre quatro jornais pesquisados - *O Imparcial*, *A Razão*, *Jornal do Comércio* e *Jornal do Brasil* - o *JB* foi o que teve maior número de ocorrências encontradas relativas às expressões Clube de Regatas do Flamengo e C. R. Flamengo: 6.394 menções. Na edição de 20 de dezembro de 1920, apesar de destacar o título de campeão carioca do Flamengo, narrando lances da última partida do campeonato contra o Fluminense, o jornal, porém, não faz menção a algum jogador específico nem sequer cita o fato de o rubro-negro ter vencido o campeonato invicto.

⁹ Embora o Flamengo já disputasse partidas de futebol desde 1903, tendo sido goleado pelo Botafogo, por 5 x 1, no seu primeiro jogo, o clube se limitava a participar de amistosos. Apenas com a criação do Departamento de Futebol o clube começa a jogar partidas oficiais.

De forma geral, o *JB* não utilizava adjetivos para qualificar os jogadores ou os lances narrados. Por isso, a presença desse recurso, nas raras vezes em que comparecia, pode ser um bom indicativo da maneira como determinado *player* era visto publicamente e de sua importância para seu time. Jogadores comuns tinham apenas seu nome citado. Já os que ganhavam destaque constante eram referenciados pelo jornal.

O único jogador, então, a ter, recorrentemente, algum adjetivo ao lado do nome ou de seus lances – “magníficas defesas”, “estupendas defesas”, “grande arqueiro”, “esteve ótimo”, “pegou bolas indefensáveis” – era o goleiro Julio Kunz – ora, também, grafado como Kuntz, que parece referir-se à pronúncia do nome em alemão, e que chegou ao Flamengo no início de 1920. Isso por si pode não torná-lo automaticamente um ídolo, mas sinaliza uma notabilidade como jogador refletida na linguagem do diário. A distinção a Kunz se repetia em outros jornais, que sempre o descreviam como um goleiro acima da média dos demais em sua posição no Brasil. Mesmo reserva durante a campanha rubro-negra em 1923, o *goalkeeper* continuou a ser convocado para jogos internacionais da seleção do país.

Se o noticiário era econômico nos primórdios do futebol e limitado à súmula das partidas da primeira divisão do Campeonato Carioca, era, praticamente, inexistente para equipes da segunda divisão, como o Vasco, numa fase em que a hegemonia dos quatro grandes do Rio ainda não havia sido constituída. No matutino *O Paiz*, entre 1915 e 1922, não foi encontrada qualquer menção aos jogos do cruzmaltino nem aos seus jogadores. O jornal só abriu suas páginas ao clube ao noticiar o jogo que o classificaria para a primeira divisão do campeonato no ano seguinte.

Em 1923, com o Vasco na primeira divisão, o periódico começa a conceder mais espaço ao clube. No início, o registro limitava-se, em geral, a súmulas das partidas, sem títulos nas matérias ou lugar de destaque na paginação do jornal. Com o tempo e a boa campanha do time, campeão naquele ano, o espaço dedicado ao Vasco em *O Paiz* vai sendo equiparado ao dos adversários mais famosos. Além da descrição das partidas, inclui a análise do time e da partida e informações sobre o comportamento da torcida no estádio. Na edição de 21 de maio de 1923, o jornal chega a publicar uma foto da equipe.

O goleiro Nelson da Conceição, um *chauffeur* de táxi, era, inicialmente, o jogador cruzmaltino mais mencionado no veículo, que destacava suas boas atuações e como elas contribuía para as vitórias do time. Nelson, que atuou entre 1919 e 1927, no entanto, teve que se aposentar dos gramados após uma lesão numa das mãos, o que,

talvez, prejudique sua consolidação como primeiro ídolo vascaíno, já que outro jogador, o atacante Moacyr Queiroz, o Russinho, também se destacou pelo clube, no período inicial, atuando por período mais longo, entre 1924 e 1934, e com o clube já tendo ascendido à primeira divisão.

Em 1930, quando convocado para a seleção brasileira, para a primeira Copa do Mundo, no Uruguai, Russinho venceu o Grande Concurso Nacional Monroe, promovido pela Companhia de Cigarros Veado e pelo *Diário da Noite* para eleger o jogador de futebol mais popular do país, com 2.900.649 votos. Numa demonstração do nível de popularidade alcançado pelo futebol e da mobilização de torcedores e comerciantes ligados ao clube, a campanha teve até avião sobrevoando os estádios brasileiros pedindo “Votae (sic.) em Russinho”, resultando, após a vitória, numa música do Noel Rosa (*Quem dá mais*). No ano seguinte, durante a cobertura de um *tour* do Vasco à Europa, a revista *O Malho* decretou: “Russinho é o jogador mais popular do Rio. Sua atuação, no Velho Mundo, tem sido das mais brilhantes.”

Características: como definir o ídolo histórico?

Para além do levantamento empírico, a necessidade de apontar o primeiro ídolo nos obrigou a duas definições que pudessem nortear o trabalho: 1) quais características tornam um jogador o maior ídolo de um clube?; 2) tais características seriam, obrigatoriamente, as mesmas do primeiro ídolo? Ainda que admitindo certa dose de subjetividade, indicamos quatro características para responder à primeira questão: excelência técnica, longa permanência no time, façanhas que elevaram o patamar da agremiação e identificação com clube e torcida. Esta última, talvez, ajude a entender por que um mesmo jogador considerado ídolo numa agremiação pode não merecer o mesmo reconhecimento em outra, ainda que, nesta, possa ter atuado tão ou mais tempo e também ter cumprido papel relevante.

Pensamos que as quatro características constituintes são encontráveis no primeiro ídolo, com duas ressalvas: as façanhas, não necessariamente, foram os maiores da história de cada clube; e a capacidade de resistir à erosão do tempo sem ser sobrepujado por novos candidatos ao posto inaugural. Tal possibilidade, também presente na manutenção da condição dos principais ídolos, está exposta, no caso dos primeiros, a contexto distinto. Os ocupantes do topo do Olimpo, os Zeus do futebol, ao surgirem num marco de institucionalização das marcas dos grandes clubes, são beneficiados pelas narrativas da imprensa e dos torcedores mais antigos, numa tradição escrita e oral

que garante um *continuum* à consolidação do papel de cada um na história centenária dos clubes.

Na origem do futebol, porém, esse era visto mais como entretenimento de membros da elite e de estudantes, o que borra, em alguma medida, o aspecto competitivo que marca qualquer esporte e também tem consequências na fixação dos ídolos. Isso nos obrigou a recorrer a uma dualidade: mistura de reconhecimento da época com sobrevivência na construção da memória. O que nos faz enfrentar uma questão adicional: quem regista e reescreve essa memória?

Aos poucos, porém, o futebol deixou de se reduzir aos limites dos gramados. Com sua crescente popularização na sociedade brasileira, a vida social, a cultura e as artes passam a absorver seus símbolos na construção de sentidos e do imaginário nacional de um país recém-saído do escravagismo e da monarquia. Tal relação dialética vai influir na percepção e na definição dos primeiros ídolos, também sujeitos aos crivos sociais da época.

Como observa Halbwachs (1990), a memória, por sua natureza, é social. A memória individual, dessa forma, estaria sempre construída em relação ao grupo do qual se faz parte, em relação ao meio social e em relação a todos que nos cercam. A linguagem, que possibilita a unificação da memória do grupo, bem como o tempo e o espaço, são quadros sociais privilegiados. O sistema simbólico é a essência da memória coletiva e o espaço e o tempo são meios pelos quais se servem diferentes memórias coletivas para lembrar aquilo que está próximo ou distante.

As relações entre memória e sociedade são centrais no pensamento de Halbwachs. Tal concepção implica entender que o homem caracteriza-se, essencialmente, por seu grau de integração ao tecido das relações sociais. É nesse contexto que deve ser percebida a constituição dos primeiros ídolos. Nessa operação discursiva, a memória dos candidatos àquela condição não se ancora apenas, ou centralmente, em memórias de feitos individuais, mas numa memória social no sentido compreendido por Halbwachs (1990). Ao tratar da divisão social do tempo, o pesquisador francês destaca que ela resulta de convenções e costumes, que produzem uma representação coletiva do tempo. Pode-se acrescentar ainda que, como a memória coletiva não é estática, está, dialeticamente, sujeita a permanentes reelaborações.

Disso resulta que a disputa pela condição de ídolo primevo, talvez, possa ser considerada um processo em aberto, pelo menos enquanto tal definição não for alvo de

um crivo resultante de uma manifestação coletiva relevante da sociedade brasileira ou, ao menos, do campo esportivo, entendido esse como um espaço social com estrutura própria e, relativamente, autônoma em relação a outros espaços sociais, e, ainda, dotado de uma lógica própria de funcionamento, estratificação e princípios que regulam suas relações (BORDIEU, 1989).

O material empírico, porém, nos indicou pistas importantes para nos estimular a afirmações que reduzissem seu caráter arbitrário, mas, talvez, seja mais prudente trabalharmos com hipóteses provisórias, a serem confirmadas ou não por novas pesquisas e novas taxionomias. Os nomes aqui apontados, embora passíveis de revisão crítica, não são, porém, aleatórios nem emanados de mero subjetivismo dos pesquisadores. Eles surgem como resultantes de qualidades técnicas reconhecidas por seus contemporâneos, registradas pelos jornais, e de características que legitimavam o sucesso social naquele início de século.

Tal relação, registre-se, não é estática nem ficou imune aos efeitos da invasão do futebol institucional dos clubes pela multidão de pobres, mulatos e negros, que, sem recursos para comparecer aos estádios, se aglomerava em telhados, morros e outros pontos elevados para assistir às partidas da liga. E, ao mesmo tempo, desenvolvia formas singulares de fruição da sua prática em partidas disputadas em ligas não oficiais, nas fábricas, nas escolas, nos campos de subúrbio e onde quer fosse possível reunir um bando de aficionados dispostos a jogar o ainda chamado *football*.

Decompondo o material aqui resumido, surgem como candidatos ao posto de ídolos primevos, respectivamente, de Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, Mimi Sodré, Victor EtcheGARAY, Julio Kunz e Russinho. O fato de dois deles, até por seus sobrenomes, denunciarem sua origem estrangeira dialoga com o processo de formação da sociedade brasileira, talvez, a que mais incorporou e almagou sujeitos de continentes e países tão distintos.

E a origem social deles – à exceção de Russinho – também remete a uma tensa e dialética relação entre elite e povo. Enquanto a primeira tenha sido a que tinha condições de importar, difundir e praticar, institucionalmente, o novo esporte, coube ao segundo, mesmo confrontado por culturas e nomeações que lhe eram estrangeiras, se apropriar e ressignificar o futebol, como ocorrera com a língua “brasileira” em relação ao português lusitano. Tudo isso dentro de um contexto de afirmação da identidade

nacional de um país recém-soberano que procurava se reiventar em meio à tensão de se constituir como nação tendo herdado forte desigualdade social.

Conclusão

Como dito, as escolhas dos quatro nomes é sujeita a críticas a partir de novo material empírico e concepções conceituais distintas. Dialogamos, aqui, com Halbwachs (1990), que refuta a hipótese de que os movimentos sucessivos e comuns de que se ocupam nossas lembranças se resumam a meras consciências pessoais, atuando isoladas de contextos sociais. Tal visão se contrapõe à concepção sobre a noção de um tempo universal que envolveria todas as consciências e as séries sucessivas de fenômenos; cada um deles correspondendo a uma relação entre diversos pensamentos individuais, que dela tomariam consciência simultaneamente.

Para Halbwachs (1990), tal operação é elaborada a partir da interação entre os diversos sujeitos, num processo social de produção de sentidos e reconhecimento de significações. Mais importantes do que os acontecimentos são suas formas de apropriações que penetram e são fixadas na memória do povo. Como os grupos são heterogêneos, cada um tem sua própria memória e uma representação singular do tempo. Tal heterogeneidade ocorre na representação dos ídolos iniciais e nos símbolos que os cercavam.

Mimi, Etchegaray, Kunz e Russinho, porém, além de façanhas descritas, quantitativa e qualitativamente, pelos jornais como superiores às de seus contemporâneos de clubes compartilham outra característica: suas trajetórias e identificação com suas agremiações deram importante contributo à popularização do futebol. Numa época em que sequer se pensava em cultura de massa e idolatria, a sua maneira, ajudaram a materializar, dentro de campo e por suas personas projetadas, concepções caras aos contemporâneos. São candidatos a primeiros ídolos de uma época em que, no máximo, o reconhecimento ia à condição de “o mais popular jogador”.

Os três primeiros, por lealdade, fidalguia e elegância, que, embora parte do repertório das elites, também, eram identificadas como positivas pela população, ainda quando lhes parecessem distantes das suas práticas sociais. Já Russinho, branco de origem pobre num time em que predominavam mulatos e negros, materializava outra expectativa: a da ascensão social dos de baixo. O fato de a sua eleição como jogador brasileiro mais popular irmanar comerciantes abastados e torcedores comuns indica como o futebol, sem eliminar as desigualdades sociais, já era capaz de as suspender provisoriamente ou reelaborar em novas práticas de interação social tais assimetrias.

A escolha nos remete à singularidade inicial. Enquanto nenhum dos quatro tenha sido ungido, institucionalmente, a tal condição, os escolhidos de Botafogo, Flamengo e Vasco são reconhecidos como ídolos lendários por suas agremiações. Já Etchegaray não consta da relação do Fluminense, embora tenha sido um dos fundadores do clube, tetracampeão (1906-1909) e permanecido nas Laranjeiras por, ao menos uma década. Também era elogiado, com frequência, pelo ex-goleiro e historiador Marcos Carneiro de Mendonça (1914-1928), outro candidato potencial à mesma condição. Temos, assim, uma tensão entre a memória da época e a memória reelaborada. No site do clube, embora não lhe seja apontada tal condição, o primeiro ídolo cronologicamente falando é Osvaldo Gomes (1906-1921). Nos jornais pesquisados no período em que foi contemporâneo de Etchegaray, este, claramente, o sobrepuja quantitativa e qualitativamente em menções, com Gomes sendo mais lembrado pelas atividades administrativas na Liga Metropolitana. Já Carneiro de Mendonça, uma referência incontestável, é, porém, uma geração superior à do zagueiro.

As reações hodiernas ou em perspectiva dos clubes em relação aos ídolos do passado reatualizam a percepção de Halbwachs (1990) de que, mais relevante socialmente do que os acontecimentos, são suas repercussões que penetram mais profundamente a memória do povo. Tivemos, portanto, de optar entre uma releitura do passado por lentes mais contemporâneas ou resgatar os fatos narrados na quentura dos acontecimentos.

Na primeira hipótese, teríamos a reatualização dos quadros de memória por critérios fora do contexto do futebol amador; no segundo caso, uma escavação arqueológica daquele passado pouco visitado, resgatando seus personagens tais como entendidos, e reconhecidos, no seu tempo. Optamos por esta hipótese, cientes de que não é imune a polêmicas nem a outras reelaborações do passado. Porém, mesmo admitindo o caráter temporário, possamos considerar que o valor de uma hipótese, precária ou institucionalizada, está em quanto permite avançar com a sua ajuda. O debate sobre a validade dos nomes apontados e os critérios para a sua escolha, no nosso ver, contribuem para o avanço do conhecimento do período e do que representou como processo seminal do futebol no Rio.

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989

HALBAWCHS, Maurice. **A memória social**. São Paulo: Vértice, 1990

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2000

SOUTO, Sérgio Montero. **Os três tempos do jogo – anonimato, fama e ostracismo – no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

Jornais e revistas

A Época

Careta

Correio da Manhã

Gazetas de Notícias

Jornal do Brasil,

Jornal do Comércio

O Estado de S. Paulo

O Malho

O Palpite da Época

Kosmos